

Efésios

Em Cristo

Em nosso último encontro estivemos meditando sobre o tema: **Bençãos espirituais concedidas**. Muito bom se sentir abençoado. Paz no coração... Saúde no corpo... Recursos financeiros disponíveis... Mas será que isso é o suficiente? Será que deve ser toda a nossa motivação? Deve ser a única força motriz do nosso ser? O que dizer do eterno? O que dizer do espiritual?

Efésios 1:3 Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todo o tipo de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo.

Bençãos espirituais não necessitam de ser renovadas como a habilitação ou seguro do carro, mas tem dimensões e alcance eterno. Nosso Deus não nos promete algo com data de validade, mas Sua benção é para o passado, mesmo quando não O conhecíamos, para o presente em que vivemos e nos tempos porvir. Bendito seja o nome do Senhor...

Em Cristo - Abra a Palavra de Deus...

Efésios 1:4 Ele nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para que pelo amor fossemos santos e irrepreensíveis em sua presença.

Paulo volta mentalmente para o passado, antes da fundação do mundo (v. 4), antes da criação, antes de o tempo ter começado, para uma eternidade anterior, em que somente o próprio Deus existia na perfeição do Seu ser.

Naquela eternidade antes da criação, Deus fez uma coisa, a partir de Cristo (seu Filho unigênito) e olhando para nós: (Ele se propôs a nos tornar filhos adotivos).

Note-se bem a declaração: nos escolheu nele. A posição dos pronomes é enfática: Deus colocou a nós na Sua mente. Resolveu tornar-nos (mesmo quando ainda não existíamos) seus próprios filhos através da obra redentora de Cristo (que ainda não fora realizada). Foi uma decisão específica, porque o verbo escolheu é outro aoristo.

Surgiu também do seu favor inteiramente imerecido, visto que nos escolheu para sermos santos e irrepreensíveis perante ele, o que mostra que nós, quando Ele, na Sua mente, nos escolheu, éramos ímpios e culpados, e que merecíamos, não a adoção mas, sim, o castigo. Além disso (Paulo repete a mesma verdade com palavras diferentes), em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado (vs. 5-6).

Ora, todos acham difícil a doutrina da eleição. “Não fui eu quem escolheu a Deus?” alguém pergunta, indignado; e a isso devemos responder: “Sim, realmente escolheu, e livremente, mas somente porque na eternidade Deus escolheu você primeiramente!” “Não fui eu que me decidi por Cristo?” pergunta outra pessoa; e a isto devemos

responder: “Sim, realmente o fez, e livremente, mas somente porque Deus primeiramente tinha decidido em seu favor!”

A Escritura não esclarece em lugar algum o mistério da eleição, e devemos ter cuidado com aqueles que procuram sistematizá-lo de modo demasiadamente preciso ou rígido. É pouco provável que descubramos uma solução simples para um problema que tem frustrado, durante séculos, as melhores mentes da cristandade. Mas aqui no texto, pelo menos, há três verdades importantes para serem aceitas e lembradas:

a. A doutrina da eleição é uma revelação divina e não uma especulação humana. Não foi inventada por Agostinho, Calvino, Lutero ou qualquer outro homem. Pelo contrário, é sem dúvida uma doutrina bíblica, e nenhum cristão bíblico pode ignorá-la. Conforme o Antigo Testamento, Deus escolheu Israel dentre todas as nações do mundo para ser seu povo especial. Conforme o Novo Testamento, ele está formando uma comunidade internacional para que seja seus santos (v. 1), seu povo santo e especial. Não devemos, portanto, rejeitar a ideia da eleição como se fosse uma estranha fantasia dos homens. Pelo contrário, devemos aceitá-la humildemente (embora não a entendamos completamente) como uma verdade que o próprio Deus revelou. Calvino pregou sobre Efésios, do começo ao fim em quarenta e oito sermões. Ele disse: “Embora não possamos entender, quer por argumentos quer pela razão, como Deus nos elegeu antes da criação do mundo, mesmo assim o sabemos, porque ele no-lo declarou; e a nossa própria experiência testifica a nós mesmos, de modo suficiente, quando estamos iluminados na fé!”

b. A doutrina da eleição é um incentivo à santidade, e não uma desculpa para o pecado. É verdade que a doutrina nos dá uma forte certeza da segurança eterna, visto que aquele que nos escolheu e nos chamou certamente nos guardará até o fim. (1 Tm 1:12). Mas nossa segurança não pode ser usada para desculpar o pecado, e muito menos para encorajá-lo. Parece que algumas pessoas imaginam um cristão falando para si mesmo em termos tais como estes: “Sou membro do povo escolhido de Deus, salvo e seguro. Não há, portanto, necessidade alguma de me preocupar com a santidade. Posso me comportar como quero.” No entanto, presunção tão pavorosa não acha apoio na verdadeira doutrina da eleição. (Rm 6:2)

Pelo contrário, o inverso é a verdade. Paulo escreve aqui que Deus nos escolheu em Cristo para que sejamos santos e irrepreensíveis perante ele (v. 4). Irrepreensível é a palavra do NT para um sacrifício imaculado. As palavras Santos e irrepreensíveis voltam a ocorrer em 5:27 e em Colossenses 1:22, onde indica o nosso estado final de perfeição. Mas o processo de santificação começa aqui e agora. Assim, longe de estimular o pecado, a doutrina da eleição o proíbe e ao contrário, impõe-nos a necessidade de uma vida santa, porque a santidade é o propósito da nossa eleição.

Em última análise, a única evidência da eleição é uma vida santa.

O amor de Deus que nos predestina é recomendado mais por aqueles que levam vidas santas e semelhantes à de Cristo, do que por aqueles cujas tentativas de desembaraçar o mistério terminam em disputas sobre questões irrelevantes de lógica!

c. A doutrina da eleição é um estímulo à humildade, não um motivo para o orgulho. Há quem pense que julgar-se membro do povo escolhido de Deus é o pensamento mais arrogante que alguém pode alimentar. E seria mesmo se imaginássemos que Deus nos tivesse escolhido por causa de algum mérito nosso!

Não há, porém, lugar algum para o mérito na doutrina bíblica da eleição.

Muito pelo contrário, Deus explicou especificamente ao povo de Israel que ele não o escolhera por ser mais importante que outras nações, nem por ser maior ou por ultrapassá-las de alguma forma, porque isso não era verdade. Por que, então? Simplesmente porque ele o amava. A razão por que escolheu o povo estava nele mesmo (seu amor) e não naquele povo (o mérito). A mesma verdade é muito enfatizada em Efésios. A ênfase recai sobre a graça de Deus, o amor de Deus, a vontade de Deus, o propósito de Deus e a escolha de Deus. Ele, pois, nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, que era antes de existirmos, e muito mais, antes de podermos alegar termos qualquer mérito. Por isso “a eleição de Deus é livre, e aniquila todo o merecimento, todas as obras e todas as virtudes dos homens.”

Logo, a verdade da eleição divina, por mais numerosos que sejam seus problemas não resolvidos, deve nos levar à justiça, não ao pecado; e a uma sincera gratidão em espírito de adoração, não ao orgulho. Em consequência, devemos ser, de um lado, santos e irrepreensíveis perante ele (v. 4) e, de outro, para louvor da glória de sua graça (v. 6).

(1) Seu Autor

O Autor é “o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo”, como já indicamos. Certamente que isso de modo algum invalida o fato de que todas as atividades que afetam as relações trinitárias podem ser atribuídas ao Pai, Filho e Espírito Santo. É o Pai que tem a liderança na obra divina da eleição.

(2) Sua Natureza

Eleger significa tomar ou escolher algo de (para si mesmo). Embora não se indique o motivo pelo qual o Pai elegeu alguns, esse grupo foi escolhido para serem santos e irrepreensíveis perante ele. Consequentemente, esses indivíduos, dentre os quais o Pai elegeu, é aqui vista como destituída de santidade e desprezível.

Paulo não tenta explicar como e porque Deus fez isso, mas apenas compreende que, quando os homens são confrontados com a manifestação da espantosa graça divina, a única resposta justificável é adoração, e não explicação.

(3) Seu Objeto

O objeto somos “nós”, não a humanidade toda. O pronome “nos” deve ser entendido à luz de seu contexto. Paulo está escrevendo “aos santos e crentes” (v. 1). Ele diz que o Pai “nos” tem abençoado, isto é, “aos santos e crentes” (aqui com especial referência

aos de Éfeso), inclusive Paulo (v. 3). Portanto, quando o apóstolo prossegue, dizendo: “assim como nos elegeram”, este “nos” não pode repentinamente referir-se a todos os homens sem distinção, senão que deve referir-se necessariamente a todos aqueles que são (ou que foram destinados para que em algum tempo da história do mundo se tornassem) “santos e crentes”, ou seja, a todos os que, tendo sido separados pelo Senhor com o propósito de glorificá-lo, o abracem por meio de uma fé viva.

(4) Seu Fundamento

O fundamento da igreja, de sua plena salvação do princípio ao fim, conseqüentemente também de sua eleição, é Cristo. No tempo, o Pai nos abençoou em Cristo, assim como nos elegeram nele (em Cristo) desde toda a eternidade. A eleição, pois, é a raiz de todas as bênçãos subseqüentes. **João 6:37,39 Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora. E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia.**

Em conseqüência, visto que a eleição é desde a eternidade, que é o fundamento de todas as bênçãos subseqüentes, e que além de tudo é “nele”, então Cristo não é apenas o fundamento da Igreja, mas é seu Fundamento Eterno.

Mas, como entender o fato de que é **em Cristo** que os santos e crentes foram eleitos? Foi determinado no conselho de Deus que em algum ponto do tempo essas pessoas viriam a crer em Cristo. Desde antes da fundação do mundo Cristo foi o Representante e Fiador de todos aqueles que, em alguma ocasião, foram recolhidos no redil. Isso foi necessário, porque a eleição não é uma anulação da justiça divina, pois já havia sido decretado que os eleitos são considerados, desde o princípio, completamente indignos, envoltos em ruína e perdição. Ora, o pecado deve ser castigado. As exigências da santa lei de Deus precisam ser satisfeitas. O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, através da eleição, não cancela sua justiça nem abole as exigências de sua lei. Como pode ser possível que Deus outorgue uma bênção tão imensa e tão gloriosa, como é a bênção da eleição, aos “filhos da ira”, sem ir de encontro à sua própria essência e à inviolabilidade de sua santa lei? Isso é possível devido à promessa do Filho (em plena consonância com o Pai e o Espírito Santo) – **Salmos 40:7-8**

Em Cristo, os santos e crentes, ainda que inicialmente e por natureza completamente indignos, são justos aos próprios olhos de Deus, porquanto Cristo prometeu que satisfaria todas as exigências da lei em lugar deles, promessa que teve também completo cumprimento (Gl 3.13). Esta justiça forense é fundamental para todas as demais bênçãos espirituais.